

Auto de Sancta Barbara: a herança e os arranjos

Entre nós, neste final de milénio, ainda há muito quem se lembre de Santa Bárbara

Quando há trovoadas, já o sabemos.

Mas não só. Ou, pelo menos, não apenas.

Quando troveja, é comum por esse Portugal fora; são as preces aflitas à santa, às vezes com medidas de reforço.

No Minho e em Trás-os Montes, por exemplo, se os estrondos atordoam, crentes e assustadiços socorrem-se também de ramos de trovisco e de folhas queimadas de oliveira.¹

Na fronteira alentejana acendem-se três velas; é zona de mineiros e todo o amparo é pouco para quem labuta debaixo da terra.²

Estimula-se, em aldeias açorianas, o reencontro com a sua tão edificante vida e atribulada morte, às vezes até em fervilhantes representações populares; das da freguesia de Velas, temos notícia segura, mas talvez não sejam as únicas.³

É Bárbara invocada sozinha ou em trato amigo com companheiros de jornada. Com Santa Catarina. Com S. Sebastião. Com S. Jerónimo. Com Nossa Senhora da Graça. E com Nossa Senhora, simplesmente, em ameno tagarelar de quem se quer bem:

« Santa Bárba, santa salva, foste perdida e achada,
Quantos anjos há no Céu, acompanhem a minha alma.
Santa Barbinha se levantou, seu pezinho calçou,
Sua manita beijou, com Nossa Senhora se encontrou,
Ela lhe perguntou: - onde vás Santa Barbinha?
- Vou vencer umas grandes tempestades e trovoadas que
há no campo

¹ Informações da Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso e da Câmara Municipal de Vila Flor.

² Informação da Câmara Municipal de Barrancos.

³ Informação da Câmara Municipal de Velas (S. Jorge).

Para que não caia em cima de gadelhinha
de lã nem em cima de gente cristã. »

Aliás, o que as palavras dizem, confirma-o a abundante toponímia, neste nosso país de católica geografia; e o que as palavras nem sempre dizem, desvenda-o a iconografia em imagens de todas as épocas, através de uma atraente figura feminina, tendo junto de si, ou mesmo numa das mãos, a torre que a celebrizou, e, na outra, cibório com cruz ou livro que atesta a sua sabedoria.⁴

Dela temos ainda o legado comovido de escritores do nosso e de outros tempos.⁵

Sem faltar o arrebatado António Vieira que a festejou enquanto patrona dos artilheiros, apaziguadora dos males da pólvora, com mando e desmando sobre o fogo, o mais misterioso e terrífico dos elementos⁶.

Sem faltarem anónimos compiladores de orações dos séculos passados, que também muito a solicitam como advogada contra a morte repentina, confiantes na sua sagesa providencial:

« Senhor, nós vos pedimos, que a intercessão da Bemaventurada S. Bárbara vossa Virgem e Martyr, sempre nos ajude, para que não morramos de repente; mas antes do dia da nossa morte sejamos fortalecidos saudavelmente com os sacramentos do vosso Santíssimo Corpo, Sagrada Unção, e sejamos livres de todo o mal e guiados para o Reino dos Ceos⁷. »

Sem faltar o saudoso e nosso contemporâneo Ruy Cinatti, enternecido e convicto:

⁴ Para aspectos iconográficos, consultar Louis RÉAU, *Iconographie de l'art chrétien*, tomo III, Paris, 1958. A propósito da sabedoria, lembramos a capela de Santa Bárbara na catedral de Salamanca, onde os candidatos a actos académicos passavam a vigília em oração, e o Colégio de Santa Bárbara em Paris, grande escola de humanistas do século XVI, onde leccionaram Diogo e André de Gouveia.

⁵ Seria descabida neste trabalho qualquer tentativa de listagem de nomes; no entanto, fica-nos a curiosidade de uma auscultação a Frei Tomé de JESUS, em cuja obra encontramos algumas referências curiosas.

⁶ O *Sermão de Santa Bárbara* está incluído nos *Sermões*, vol. IX, Porto, 1959.

⁷ *Palavras Santíssimas e orações devotas contra raios, tempestades, trovões, terremotos, pestes, e malefícios, novamente acrescentadas com várias orações*, Lisboa, 1824, 6.

« As fúrias de nascença são perfeitas
como o brotar da criação espontânea
e o escalracho deve ser eliminado
para que a doçura seja complemento da vida.
A banda de música passeia
pelas ruazinhas-calçadas de Lazarim.
Os foguetes atroam de festa na vila para festejar Santa
Bárbara - a dos Trovões e mártir às mãos de seu Pai.»⁸

Falamos de Portugal, não tanto por em Portugal estarmos, como porque a nossa meta é o cerco pacífico do *Auto de Sancta Bárbara* do bem lusitano e quinhentista Afonso Álvares, um daqueles tristes, porque injustamente arrumados na prateleira, mas bem humorados, porque cultivavam a graça mesmo quando dramatizavam desgraças, homens de teatro sobre os quais, inocentemente embora, o caudaloso prestígio de Gil Vicente parece ter lançado mau olhar.⁹

A verdade é que também a vizinha Espanha se engalana com o culto da virgem de Nicomédia.¹⁰ E até, já que ao teatro chegando, não fica bem esconder que são as suas provas superiores às nossas, com pelo menos quatro autos mais ou menos contemporâneos deste e por certo muito representados: um, *La Farsa de Santa Barbara*, de Diego Sánchez de Badajoz, manhosamente destinado a abalar a tranquilidade do espectador com uma daquelas acérrimas disputas entre um anjo e um diabo, a quererem à viva força os dois a alma da mártir (há cada diabo, realmente...), outro do grande Lope de Vega, *La Barbara del Cielo*, infelizmente hoje perdido, um terceiro de Guillén de Castro, *El Prodigio de los Montes y Martyr del Cielo*,

⁸ Ruy CINATTI, *Obra Poética*, Lisboa, 1992, 647.

⁹ António Joaquim ANSELMO, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa, 1926, refere uma edição anónima de 1591, com aprovação de Frei Bartolomeu Ferreira. No entanto, a mais antiga, que realmente se conhece, é de 1613, de Lisboa. Segue-se uma de Évora, 1615, quatro de Lisboa, 1668, 1737, 1790, 1853, e duas do Porto, 1871 e 1907. As nossas citações serão feitas pela edição de 1871, a única a que pudemos ter acesso, mas relativamente a cujo texto temos algumas reservas.

¹⁰ Se quanto ao lugar, em que a Santa viveu, não parece haver grandes divergências, o mesmo não acontece quanto à época em que se desenrolou a sua atribulada vida. A maioria dos hagiógrafos indica a do Imperador Maximiano (286-305 e 306-310); há, porém, os que defendem que tudo se passou em tempos de Maximino I (235-238). Se Bárbara foi contemporânea de Orígenes, como querem certos relatos, a segunda hipótese apresenta alguma credibilidade.

Santa Barbara, que talvez tenha tido imitadores, e um quarto, anterior aos dois últimos, de autor anónimo, incluído no chamado *Códice de Autos Viejos* da segunda metade do século XVI¹¹.

A lenda de Santa Bárbara, embora relativamente tardia, vem de longe e do Oriente. Não sabemos se inspirada ou não na história de Dafne, parente próxima de muitas outras (Santa Catarina, Santa Tecla, Santa Margarida, Santa Ariadna), foi recolhida no século X por Simeão Metafrasto, popularizada, a partir do século XIII, no Ocidente, pela *Legenda Aurea* de Jacobo de Voragine, muito amada no século XV e, pelos vistos, com esperança de prolongada vida, apesar de Paulo VI lhe ter retirado a credibilidade litúrgica.

Com festa a 4 de Dezembro, a santa, como ficou claro, defende dos trovões e da morte súbita e assiste particularmente bombeiros, artilheiros e mineiros, tocadores de carrilhões e estudantes, prisioneiros, arquitectos e pedreiros (afinal, talvez tenha estado encerrada numa torre...), agricultores (há quem diga que transformou carneiros em escaravelhos...) e artesãos da tapeçaria (não sabemos explicar porquê¹² Assim nos proteja ela também a nós, estudantes afeiçãoados aos textos, e ao seu poeta Afonso Álvares que vamos tentar defender.

De uma das várias maneiras possíveis e, não por coincidência, a que mais alarga o campo dos nossos encontros com a sempre lembrada virgem de Nicomédia: esmiuçando o parentesco do seu auto com narrativas que pode ter tido à mão com outras que provavelmente as retomam e com o anónimo *Auto del Martyrio de Sancta Barbara*.¹³ Mudam-se os

¹¹ O *Códice de Autos Viejos* é um manuscrito da Biblioteca Nacional de Madrid que contém noventa e seis peças de teatro; foi editado por Léo ROUANET, *Colección de autos, farsas y coloquios del siglo XVI*, Barcelona/Madrid, 1901 e reeditado em 1979, em Nova Iorque. Por esta última edição será citado o anónimo *Auto del Martyrio de Sancta Barbara* que se encontra no tomo II. Sobre o *Códice* existe um cuidadoso estudo de Mercedes de los REYES PEÑA, *El Códice de Autos Viejos. Un estudio de literatura*, Sevilha, 1980.

¹² Insistimos na confusão que por vezes se estabelece com Santa Catarina. neste mesmo aspecto. É, além disso, curioso lembrar que, numa conhecida cantiga popular, é esta santa que se diz ter sido morta pelo pai e que Léo ROUANET, *Colección*, ed. cit., tomo II, 226, atribui a Santa Bárbara o exemplo das três pregas da mesma saia para demonstração do mistério da Santíssima Trindade, quando no *Auto de Santa Catarina* de Baltasar DIAS o encontramos atribuído a esta última.

¹³ O nosso *corpus* inclui, para além dos já citados autos de Afonso Álvares e anónimo espanhol, a *Legenda Aurea*, que citamos pela tradução espanhola de J. M. MACÍAS, *La Leyenda Dorada*, Madrid, 1982, tomo II, 897-903; a *Historia das vidas e feitos dos santos (Flos Sanctorum)*, partir de 1590) de Frei Diogo do ROSÁRIO, de que consultámos a 2ª edição, Coimbra, 1577; o *Flos Sanctorum* de Alonso de VILLEGAS, Barcelona, 1588; e a tradução portuguesa do apartado

por menores, permanece a matriz: a cristã Bárbara, porque acredita na Santíssima Trindade, manda rasgar uma terceira janela num edifício (torre? piscina coberta?) para o qual seu pai ordenara apenas duas; porque a Cristo prometera virgindade, diz não a aliciantes propostas de casamento.

Fora de si, Dióscoro, o pai, homem de mau gênio e adepto dos ídolos, é o primeiro a exigir que para ela haja sentença de morte por parte do Adiantado Marciano.¹⁴

Após um sem número de torturas, ele próprio a degola, sendo de imediato punido com a morte, através de um raio que o céu envia especialmente para o efeito.

O resto depende das simpatias de cada qual, das invenções e revisões da matéria, dos aplausos que os auditórios prometem.

Afonso Álvares gostava, por certo, de fazer teatro.

É bem possível que os devotos de Santa Bárbara lhe tenham encomendado o trabalho. Mas encomendas, sempre as houve, e receitas para aplicar boas intenções morais e religiosas, que em nada o desonravam, não faltariam naqueles tempos de crenças teimosas e Inquisição à porta.

Ele não era, claro está, dramaturgo à medida de Gil Vicente, nem poeta para ir longe na bitola de gente pouco tolerante. Tinha, no entanto, como é uso dizer-se, algumas luzes do ofício, acertava nas inimizades estéticas entre a narrativa e o auto, condimentava com algum jeito a ementa a servir a um público que se congratulava com os duelos entre os maus e os bons, que era afeiçoado a lágrimas mas gostava de sorrir, que bisava as emoções de histórias sabidas, mesmo quando aplaudia o lance inesperado.¹⁵

Competia-lhe, pois, retocar o que andava de boca em boca, aproveitando amores pelo espectáculo, numa época em que os divertimentos eram poucos, mas havia mecenas para promovê-los, sobretudo se importavam aos bons costumes, tão fáceis de apregoar quanto difíceis de

dedicado a Santa Bárbara, no *Flos Sanctorum* de Pedro RIBADENEYRA, Madrid, 1599, da autoria de J. A. Conceição VIEIRA, acrescentado às edições de 1767 e seguintes do *Flos Sanctorum* de Diogo do ROSÁRIO.

¹⁴ O Adiantado representava o Imperador nas várias províncias e tinha sobretudo poderes judiciais.
¹⁵ Afonso Álvares é autor de mais três textos dramáticos: o *Auto de Santo António*, o *Auto de São Tiago* e o *Auto de S. Vicente*. Os dois primeiros podem datar-se de 1531; o *Auto de Santo António* e o *Auto de São Tiago* têm edição em 1598. Do *Auto de Santo António* há inúmeras edições posteriores.

seguir.

Para o nosso autor ficava assim a tarefa de talhar novos trajes para velhas personagens, não sendo ele um estilista avançado, mas também não estando por completo desfavorecido em termos de engenho e arte.

Nós iremos deslindar alguns desses enfeites, com a tranquilidade de quem nem é ambicioso em expectativas, nem peca por preconceitos de casta.

Com a tranquilidade de quem repara mais do que sentença.

Com a tranquilidade de quem não vai ceifar o campo, mas nele colher meia dúzia de frutos que têm o peso que quisermos dar-lhes.

E, porque, em teatro ou fora dele, são necessariamente os seres com vida que garantem a vida ao que vai acontecer, com as personagens sobretudo nos enlearemos, embora sem as separar de outros eixos dramáticos que as atravessam e refazem.

Sempre com um cordial aceno para os desconhecidos representantes de quinhentos, porque deles foram, em primeira mão, os dizeres, as fisionomias, os movimentos que animaram no *palco* o texto que agora lemos.

Quem são, como são e porque as reconhecemos ou estranhamos as personagens que Afonso Álvares nos apresenta?

Teatralmente valorizadas ou embaciadamente repetidas?

Dentro das grelhas dos relatos hagiográficos ou com escapadelas de originalidade?

Se em cena, como era comum na prática da época, o leque dos actores pouco se amplia e complica, a verdade é que o dramaturgo português foi, apesar de tudo, mais generoso no seu número e apetrechamento que o anónimo panegirista do *Códice de Autos Viejos*.

Duas donzelas, de que não reza nem tinha de rezar a história, asseguram-nos da indispensável pontinha de aparato na apresentação de Bárbara aos espectadores.

Dela, cedo viremos a saber que tem posses: da torre, que lhe está destinada, diz um dos construtores que «Jupiter dos altos Céos / Pode aqui fazer morada»; o pai ufana-se de um «estado» que cresce em «valia», um duque pede a sua mão.¹⁶

Adiante ouviremos Marciano assombrar-se com tanta beleza, mas disto não nos espantamos porque já dela estávamos a par pelo cândido entusiasmo de dois pastores:

¹⁶ Afonso ÁLVARES, *Auto*, 2 e 3.

«Ella es blanca y colorada,
Mas que clavelina hermosa,
No parece sino rosa,
Entre las rosas sacadas,
Por mas linda y graciosa.»¹⁷

De vestuário, feições ou adornos ficamos, no entanto, ignorantes; bom é por isso, para quem com os olhos se entretem e perscruta, que, por contraste ou por submissão, como confidentes ou como interlocutoras, para permitir ademanos de nobreza ou adiantar um jeito de ser, Bárbara seja seguida por outras jovens de quem é ama e senhora. Mais vale acompanhada que só, quando se trata de bem luzir...

Como «amigas» as trata ela, ao rogar-lhes que a deixem em oração, e terá de o fazer com a mesma cordialidade com que sauda como «meus irmãos» os pedreiros que edificam a torre.¹⁸

Muda Bárbara de semblante e tem de mudar de voz, já que, descolado de outros textos, que repetidamente optaram por uma primeira referência a Dióscoro, Afonso Álvares a convidara a abrir o auto em bem diferente postura; fora uma fala em que a solenidade da reverência ao «Rei dos altos firmamentos» cedera à indignação perante o «cego povo e sem sem sizo» e perante a insensatez de um pai desinteressado do «saber» e da «Ciência»¹⁹.

Se neste desvio atentamos, não é para em si mesmo o apreciarmos; é antes porque ele abre o circuito de um intercâmbio de inflexões que se enredam pela representação e instauram como um dos pólos do seu singelo impacto cénico.

As orações postas na boca de Bárbara, por exemplo, muito mais frequentes, extensas e diversificadas que em qualquer dos outros relatos do nosso *corpus*, são disso uma bela amostragem. Alongando o vaivém das sequências, conjugam com âvontade a familiaridade e a dependência, a angústia e a exaltação, as graças e a prece; prece de socorro imediato as mais das vezes, prece de amparo e perdão para quem deles vier a carecer, algumas outras.

Prestemos atenção:

¹⁷ Afonso ÁLVARES, *Auto*, 7.

¹⁸ Afonso ÁLVARES, *Auto*, 2.

¹⁹ Afonso ÁLVARES, *Auto*, 2.

«Rogo-vos, Sancta Rainha,
Remedio dos peccadores,
Perdão dos nossos errores,
Que sejaes minha mésinha,
Pois que de todos os primores,
Dador de todo o perdão,
Eu humildemente vos rogo,
Que quem tiver devoção
Em mim, não lhe impeça fogo
Do inferno, nem trovão:
Por vossa Sancta Paixão,
Que ouçaes os meus clamores,
Mandai-me consolação,
Pois sois gloria e salvação
de todos os peccadores.»²⁰

Mas há mais. À afectuosa ligação com a gente chã e aos dotes de bem comunicar com os transcendentos valedores, vêm juntar-se alternadamente a ingénua travessura da desculpa, o ardor da contestação, a firmeza serena nos modos de argumentar.

Habilmente tenta esta Bárbara esquivar-se do casamento, antes de mais, evitando atritos:

«Por certo, Padre, em verdade
Muito me faz espantar.
Porque me quereis casar,
Sendo de tão pouca idade
Para estado governar.
Eu não posso entender.
Porque assim, Senhor, me casa,
E tira do seu poder.
Pois que não tenho saber
Para poder reger casa.»²¹

Adivinhamos então o tom mimado e levemente receoso da desculpa.

²⁰ Afonso ÁLVARES, *Auto*, 13-14.

²¹ Afonso ÁLVARES, *Auto*, 6.

Apertada, porém, por razões de difícil refutação, de imediato o troca ela pela seriedade da afirmação comprometedora:

«Padre, não quero casar,
O que não se ha de encobrir,
Não cureis de vos cançar,
Que não hei de consentir,
E assim me podeis matar,
Porque eu sou já casada,
E tenho um tam lindo Esposo,
Mais que as estrelas formoso;»²²

É assim com Dióscoro. É assim com Marciano.

Com este, altera-se para desmascarar a impostura, recompõe-se para demonstrar o que bem lhe parece, arrisca o desafio do castigo:

«Assim que não há razão
Para que teus deuses ame,
Pois que são feitos à mão
De prata e de latão,
E de metal e arame.
Manda-me, pois, tu matar,
Que d'isso serei servida,
Que pois a morte me é vida,
Não a devo de engeitar,
Nem receberá partida.»²³

Tudo num rodopio de afectos e posicionamentos que têm de mostrar o que ela vale, não só, mas também, na difícil arte de cativar reacções, porque a monotonia no teatro (e fora dele) mais depressa enfada que conquista os ânimos.

Sagaz e boa condutora das situações, a heroína de Afonso Álvares não se fica, de resto, pelo jogo das entoações; para convencer e demover o adversário, ela tem novos modos de saber e de apropriadamente os utilizar.

Vale a pena apreciá-los, indagando de semelhanças e dissidências

²² Afonso ÁLVARES, *Auto*, 6.

²³ Afonso ÁLVARES, *Auto*, 13.

entre a *Legenda Aurea* e o nosso auto.

Era Voragine grande apreciador da inteligência, da sagacidade, da finura intelectual de Bárbara .

Tanto, que o desdobramento de tais talentos acaba por ocupar cerca da terça parte da sua apologia, sendo o que se lhe segue significamente introduzido por um «además», na tradução espanhola que vimos aproveitando²⁴.

Antes de tudo, a jovem procura sensibilizar o pai para uma reflexão sobre aqueles homens de pedra que erradamente ele admirava como seres divinos.

Inviabilizado o diálogo, reserva-se a tarefa de pensar e repensar sobre o assunto, ponderando conhecimentos sobre Criador e criaturas:

«Si estos seres a los que nos manda adorar fueran hombres en otros tiempos, síguese que como hombres nacerían y como hombres morirían; luego, no pudieran ser dioses, porque los dioses ni nacen ni mueren; al menos a mí me parece que un ser de naturaleza divina ni puede nacer ni puede morir²⁵.»

Estuda então as artes liberais, busca certezas no campo da religião e, mesmo encerrada na torre, consegue comunicar com o sábio Orígenes de Alexandria. É um seu mensageiro quem, em definitivo, a esclarece, presencialmente e com a oferta de alguns livros clarificadores: o Deus verdadeiro é mesmo uno e trino, o baptismo é o primeiro sacramento a receber, o estudo da Teologia é a mais correcta forma de empregar o tempo.

Só depois desta espraçada informação, passa Voragine à encomenda da terceira janela e aos desagradáveis acontecimentos que ela veio a desencadear e são já do nosso conhecimento.

Nos versos portugueses, não é a santa menos sabedora. Mas é, isso sim, diferentemente sabedora.

Nada se nos comunica quanto a percursos da inteligência; chega até nós segura da sua fé, disposta a defendê-la e sobretudo a torná-la acessível, através de um linguajar prático e despachado.

Dispensa mestres humanos e, mesmo assim, não lhe faltam as noções sobre a vida e morte de Cristo, nem sobre o carisma da água

²⁴ VORAGINE, *La Leyenda Dorada*, 899.

²⁵ VORAGINE, *La Leyenda Dorada*, 897.

baptismal.

Mais do que para o pai, sempre surdo a palavras razoáveis, as suas explicações vão para Marciano e têm muito a ver com o mistério da Santíssima Trindade. Conselhos simples e comparações a propósito dão chave ajustada ao seu entendimento: a candeia alumia porque tem cera, lume e pavio; o homem pensa porque tem memória, vontade e entendimento; no sol convergem raios, resplendor e «quentura».²⁶

Postas as premissas, como fugir da conclusão?

«Assim Deus Omnipotente,
Quaes coisas todas creou,
São tres, sem ter differença.»²⁷

Procuremos não perder o fio à meada.

Falávamos da afabilidade da santa com as suas aias e com os obreiros de seu pai.

Também deles nos dá notícia a *Legenda Aurea*: eram muitos mas indiferenciados; receberam ordens precisas sobre a construção do banho e querem cumpri-las; tiveram promessa de bom pagamento e fazem as suas exigências.

Diga-se, aliás, entre parênteses, que o autozinho espanhol não deixa passar em vão este apego à recompensa daqueles dois que indica, no elenco da praxe, mas não separa nas intervenções :

«Danos, señor, el dinero,
pues la torre es acabada.»²⁸

Trabalharam os do texto medieval na obra da torre e não na piscina coberta a cuja arquitectura nem sequer se faz menção, se bem que não deva andar longe dela a fonte de água viva que espontaneamente jorra para o baptismo de Bárbara.

Como em Frei Diogo do Rosário e como em Afonso Álvares, de resto. Em divergência com Villegas e com Ribadeneira.

²⁶ Afonso ÁLVARES, *Auto*, 9.

²⁷ Afonso ÁLVARES, *Auto*, 9.

²⁸ *Aucto del Martyrio de Sancta Barbara*, 82.

Só que, no nosso dramaturgo, os pedreiros são três e cada um responde por si, replicando alternada e distintamente às perguntas da inteligente filha de Dióscoro.

Sobre salários, não há compromissos nem reivindicações. O que, sim, há, é o reconhecimento explícito da sensatez de Bárbara, quando encomenda a terceira janela:

«Senhora, isto e mais,
Por seu serviço faremos,
Pois claramente vemos
Ser bem feito o que mandaes,
Melhor do que nós fazemos.»²⁹

Deixemos em paz os canteiros, mas deixemos também a insinuação de que esta atenção, que se lhes presta, pode não ser casual; pode indiciar uma postura dramática de quem olha com especial simpatia para a gente desinteressada, laboriosa e rude.

Insinuação que é apenas uma maneira curial de antecipar o obrigatório comentário ao perfil cénico dos pastores que adiante vêm.

O quadro original não deixava margem para dúvidas. Eram dois; um silenciou o esconderijo da fugitiva, o outro denunciou-a e foi, como merecia, penalizado sem tardança; é, pelo menos, o que nos contam certas histórias antigas, em todo o caso pertinentemente postas em causa por Voragine:

«Cuéntase que Bárbara, que oyó todo este diálogo, maldijo al delator haciendo que se convertiera repentinamente y en aquel preciso momento en estatua de piedra y que sus ovejas se transformaran en saltamontes; pero a mi juicio esto es inverosímil y debe ser rechazado por falso.»³⁰

Se Frei Diogo do Rosário não parece ter-se importado muito com a boa ou má sorte dos pobres guardadores de ovelhas, o mesmo não aconteceu com os outros autores.

E aos homens de teatro sobretudo ficaria mal não os aproveitar: desde Juan del Encina que, na Península Ibérica, eles tinham adquirido

²⁹ Afonso ÁLVARES, *Auto*, 2.

³⁰ VORAGINE, *La Leyenda Dorada*, 900.

estatuto de personagens dramaticamente indispensáveis.

Que faz então o *Auto del Martyrio de Sancta Barbara*? Espevitaelhes a linguagem com um ou outro populismo de recorte arcaizante em que tem perfeito cabimento aquele «juro a ños» de clara ascendência saiaguesa³¹.

Tendo a seu cargo o desmaiado filão cómico da peça, fica-lhes destinada a paródia de um desentendimento que lança a confusão no malvado Dióscoro:

« Dióscoro - Vistes, pastores, dezi,
por aqui una rrapaza?
Pastor 1^o - Yo, señor, nunca la vi.
Pastor 2^o - Yo, señor, digo que sí.»³²

Mas que ninguém diga que, lá por ambos fazerem rir, é o acusador poupado à reprimenda: mal estar repentino e extermínio do gado, infelicidades que o atarantado companheiro procura atenuar, embora sem perder o sangue frio de o questionar quanto a teres, haveres e herdeiros.

No texto de Afonso Álvares, porém, a discordante intromissão dos rústicos nas desditas da santa vem mesmo a calhar como preito de homenagem ao tradicional universo pastoril vicentino.

Se, por acaso, o nosso autor era homem de bom coração e inclinado a acreditar na boa fé dos simples, isso ajuda a compreender por que motivo desta vez não há malícia na revelação do esconderijo da «ninha ... entre los ramos echada»; ³³ posto ao corrente da sanha do gentil, o ingénuo denunciante, de resto, ele próprio fervoroso cristão, cai entristecido em si e foge a sete pés com o companheiro:

«Guayamos, pues juro a mí,
Que se buelve por aquí
No es mucho que nos suerva.»³⁴

Em tudo o mais, a lição de Gil Vicente foi aprendida, diga-se o que se quiser da veia canhestra do aprendiz.

³¹ *Auto del Martyrio de Sancta Barbara*, 85.

³² *Auto del Martyrio de Sancta Barbara*, 85.

³³ Afonso ÁLVARES, *Auto*, 7.

³⁴ Afonso ÁLVARES, *Auto*, 7.

Num auto escrito em português, só os pastores conversam em castelhano, um castelhano nada pulido, parente afastado do saiaaguês e com muitos lusismos à mistura.³⁵

Polarizam dois episódios, o primeiro dos quais relativamente arredado do rodopio dos sucessos imprescindíveis e em aberta ruptura com o palavriado palaciego e artificial de Dióscoro e do Embaixador que abandonam o terreno para lhes ceder o passo.

Não são labregos anónimos; são Silvino e Guilán e, acordando-nos a memória para muitas estrofes vicentinas, um é chamado pelo outro, de tão maravilhado que ele está com as «lindas arboledas», a «lindeza de zagales», a «fuente de agoa fria.»³⁶

A gabarolice inicial do «gran latino», capaz de «hablar gramática»³⁷ e de muitas outras proezas menos intelectuais esfuma-se na cobardia que a ambos verga no frente a frente com o desatinado Dióscoro, pondo significativo ponto final na rixa prestes a explodir:

«Ó cuerpo de San Piaste,
Hombre, tenemos que ver.
No miras, que somos dos?
Juro a San que os agaste,
Se quereis renhir con nos.»³⁸

Silvino e Guilán sabem-se glutões e dorminhocos; não que ambicionem iguarias requintadas nem leitos fofos e bem amanhados; como os seus antepassados dos autos natalícios, que o anjo vinha despertar, contentam-se com uma gorda «borrega», «codornizes» e «migas», em matéria de sonhos, e, na realidade de um dia a dia de restrições, com «cebolla», «ajo», «tocino» e uma bela «bota de vino»³⁹ Depois, satisfeitos com o banquete, é mesmo no chão que se estiram para o sono dos justos, de onde os desperta, também a eles, uma estranha figura:

«Ó valga-me Sant Ilario
Que es aquello que alli soena,

³⁵ Não levámos mais longe a análise dos lusismos por ela ser irrelevante a partir de uma edição deficiente.

³⁶ Afonso ÁLVARES, *Auto*, 4.

³⁷ Afonso ÁLVARES, *Auto*, 5.

³⁸ Afonso ÁLVARES, *Auto*, 7.

³⁹ Afonso ÁLVARES, *Auto*, 5.

Es la cara de Mahoma,
Ó cavallo, ó dormidario,
Ó la campana de Roma?
Ó es lagarto, ó culebra,
Ó serpiente, zorra, ó gato,
Ó es el asno de mi amo;
Ó fiera, oso, ó pantera,
Que viene bulindo el ramo?»⁴⁰

Antes, porém, já se haviam apercebido de ser aquele um dia especial, talvez de Santo Elói, e invocado a torto e a direito os seus patronos predilectos, S. Martinho e S. Cipriano.⁴¹

Tudo isto numa clareira campestre, longe, longe de Nicomédia, em plena Andaluzia, em bate papo sobre o saboroso pão de Zamora e de Utrera.⁴²

No mato, pois, os encontra o perseguidor, de espada em punho, e não no meio de penhascos miraculosamente abertos para proteger a fuga da miraculada.

Estes assomos de sobrenatural não eram, aliás, o forte de Afonso Álvares que se fica pelo já aduzido milagre da fonte baptismal, por umas quantas descidas de anjos de poucas palavras (se é que não é sempre o mesmo a mostrar a sua disponibilidade, um sacramenta, outro traz a veste branca que impede a nudez, outro canta durante a degolação) e por um nota didascálica que mete diabos a puxarem para si o corpo desfeito do empedernido assassino.

A *Legenda*, aliás, seguida por Ribadeneira, exaltava sinais da cruz num pilar de mármore, penhas rachadas, por onde se esgueirava a perseguida Bárbara, e uma aparição de Cristo no cárcere, estranhezas que, de resto, o texto espanhol também negligenciou.

Na dúvida quanto à pertinência da nossa leitura, lembremos, no entanto, que o Alcaide encarregado da guarda da convertida se refere, atônito e surpreso, à claridade que iluminou a fortaleza, cegou e emudeceu

⁴⁰ Afonso ÁLVARES, *Auto*, 6.

⁴¹ Como pode verificar-se os santos invocados viveram em épocas posteriores à de Santa Bárbara. O autor continua pois a tradição vicentina de pouca preocupação com a cronologia.

⁴² Utrera situa-se perto de Sevilha; quanto a Zamora não encontramos o topónimo na Andaluzia; o nome da cidade castelhana era naturalmente familiar ao autor que, sem grande preocupação, prescindiu do rigor geográfico.

os algozes.⁴³

Remete-se assim para fora de cena o que poderia ser observado pelos espectadores, de igual forma procedendo com as torturas de que apenas presenciamos os resultados no corpo chagado da virgem.

Simultaneamente, dá-se vida a uma figura, de que a lenda não quis saber, mas que bem pode metaforizar o pasmo de todos aqueles que têm de ver para crer e ainda se quedam titubeantes quanto ao entendimento do sobrenatural:

«Venho tão maravilhado,
Que o não posso contar,
Nem dizer, nem imaginar,
Que de muito transportado
Quase estou para pasmar.
Sabe, senhor Marciano,
Que esta moça é encantada,
Ou dos deuses é guardada
Que não lhe façamos damno,
Pois não aproveita nada.»⁴⁴

Talvez até o Adiantado Marciano não ande muito longe do compadrio com estes, quando, no remate da história, é o primeiro a render-se à raridade de tudo aquilo.

Mas, sobre ele, refeito e um tanto reabilitado por Afonso Álvares, mais há a escrever, sobretudo numa (dis)paridade com Dióscoro que não pode escapar à nossa atenção.

Recorrente em toda a hagiografia em torno de Santa Bárbara é a malvadez de seu pai que, ao assenhorear-se do segredo até então prudentemente guardado, bruscamente troca a clemência paternal pelo furor destremelhado do tirano.

A confissão chega-lhe sem rodeios, embora com diferentes pontos de partida: justificação para a terceira janela (Voragine, Diogo do Rosário, Villegas e Ribadencira) ou virar de costas a enlacs matrimoniais, e nós reparamos que uma vez mais os textos dramáticos se sintonizam nas variantes aproveitadas.

⁴³ Os pontos de contacto com os passos evangélicos referentes à paixão, morte e ressurreição de Cristo são frequentes nos relatos hagiográficos.

⁴⁴ Afonso ÁLVARES, *Auto*, 12.

Reza o português, em versos que nos não são inteiramente alheios:

«Porque eu sou já casada,
E tenho um tam lindo Esposo,
Mais que as estrelas formoso;
E que quer seja guardada
A pureza e castidade,
Porque de mim é zeloso,
Prometti-lhe virgindade;»⁴⁵

Repete menos enfaticamente o espanhol:

« Señor, hablemos en al,
porque yo estoy desposada
con aquel rey eternal;
que todo lo temporal
no lo tengo, padre, en nada.»⁴⁶

O contacto é, porém, esporádico. Já que persistimos na cruzada pela reabilitação de Afonso Álvares, convém não nos alhearmos do seu pessoalizado apuro da personagem.

Dióscoro é, por certo, mais primariamente violento em anteriores e posteriores relatos: açoita, agrilhoa, encarcera a virgem, antes de a degolar por vontade expressa (*Legenda Aurea* e Ribadeneira, por exemplo). No auto quinhentista apenas a arrasta pelos cabelos e degola por suas mãos, brutalidade esta que é, por sinal, a única a ser registada no *Códice*.

Será então que para com ele há a complacência dos nossos brandos costumes? Ou, o que poderia ir dar ao mesmo, terá isto alguma coisa a ver com o encurtamento do reportório de torturas infligidas a Bárbara? Não percamos de vista que somos também poupados a algumas sequelas do nem sempre amável feito do Adiantado (não há brasas nas costas, nem martelo na cabeça...).

É razoável que a segunda hipótese tenha cabimento, tratando-se de teatro que, já o notámos, não abusa do sobrenatural nem do derrame de lágrimas fáceis.

⁴⁵ Afonso ÁLVARES, *Auto*, 6.

⁴⁶ *Auto del Martirio de Sancta Barbara*, 84.

Apesar de tudo, não há como negar outra das opções de Afonso Álvares: uma nova via dramática para o apropriado agravamento do azedume do azedo Dióscoro. Trata-se do embate com um Marciano quase afável (suplicios, como os por ele determinados, todos os ditadores os fizeram a todas as virgens de outros tempos...), mais inclinado à persuasão que à guerra aberta e entendedor correcto dos deveres do justo juiz.

Sensibilizado, embora fiel aos falsos deuses, perante tanta formosura, o Adiantado começa com ternura o interrogatório:

«Menina, que te enganaram,
Porque deixastes assim
Os deuses que te crearam?
Discreta és, torna em ti,
E verás que te cegaram;»⁴⁷

Apesar da pouca colaboração de Bárbara, tem ainda coragem para repreender o destempero do acusador:

«Não sejaes tão carniceiro
Contra quem não deveis ser,
Qua já vi acontecer,
Crêr o homem de ligeiro,
E depois se arrepender.»⁴⁸

De seguida, ordena punições, mas nem por isso aprova a ferocidade de Dióscoro:

«Dioscoro, não é bem feito.
Mostrar-vos tão rigoroso,
Porque o Juiz direito,
Para que seja perfeito,
Há de ser também piedoso.»⁴⁹

Por estas e por outras razões, ele tem jus a um claro olhar de simpatia no remate da história; derruba-o Ribadeneira, fazendo descer do

⁴⁷ Afonso ÁLVARES, *Auto*, 8.

⁴⁸ Afonso ÁLVARES, *Auto*, 8.

⁴⁹ Afonso ÁLVARES, *Auto*, 9.

céu, não um mas dois tremebundos raios de tarefa marcada; esquecem-no outros autores com o sobressalto da repentina morte de Dióscoro; premeia-o Afonso Álvares com sinais de arrependimento e propósitos de reflexão sobre caso de tanto espanto e emaranhadas interpretações:

«Piedade me faz grão choro;
E também não posso crêr
Senão que aquella menina
Morreu em graça divina;
Porque nunca vi mulher
Que tivesse tal doutrina.»⁵⁰

Duas novidades mais neste Dióscoro de comédia portuguesa: a fealdade da hipocrisia e o debitar assíduo de nomes e predicados dos tais deuses de *pedra*.

Assim é que, ao receber o Embaixador, figura que, como as acompanhantes de Bárbara, resguarda a etiqueta e ajuda a compor a *cena*, ele se mostra reservado no consentimento do matrimónio, fazendo-o depender da livre aceitação da pretendida.

Comovidos com tal liberalidade, em tempos de reconhecido despotismo paternal, mal ousamos acreditar em nós mesmos quando, um pouco adiante, ouvimos da sua própria boca:

«Peço-vos que consintaes,
Pois convém a vós e a mim,
Porque ainda que não queiraes,
Assim ha de ser em mim.»⁵¹

Se, no entanto, de Marciano se afasta pelo descomedimento, com ele se aparenta Dióscoro, no infeliz hábito de, por tudo e por nada, imiscuir na conversa este, aquele ou aqueloutro dos seus reverenciados ídolos.

Sobre ambos nos informa assim Afonso Álvares de que se não contentam com uma indiferenciada idolatria. Conhecem e defendem os supostos atributos das supostas divindades, saudam, juram, praguejam por Jupiter e por Juno, por Venus e por Marte, por Neptuno, por Plutão e por outros mais.

⁵⁰ Afonso ÁLVARES, *Auto*, 14.

⁵¹ Afonso ÁLVARES, *Auto*, 6.

Por acaso (ou não), esta sua mania de nomear protectores dá até grandes oportunidades a Santa Bárbara. É que ela está por dentro dos seus pontos fracos e tem a espreiteza suficiente para rebater as falácias desses «deuses de metaes, / de cobre e de madeira», «de prata e de latão / e de metal e arame». 52

Da castidade de Diana, atreve-se a dizer que é embuste sem provas nem consequências, ao invés de uma outra, a da «filha de Sanct'Ana», cuja «conceição» sem pecado original deu frutos a que não é possível desatender. 53

Quanto a Júpiter e a Mercúrio, mais dura é a diatribe; como levar a sério os matreiros cogitadores da desonra de Anfitrião e o violador incestuoso da própria irmã?

Tudo dito e ripostado num crescendo de convicções que dará aso à sentença fatal, proclamada à laia de pregão, como na época se costumava, tanto na história como no teatro:

«Eu, Marciano, Adiantado
De Cesar Imperador,
Juiz, e Governador
Da terra de seu mandado,
E principal julgador;
Visto como esta menina,
Sendo de tão grande estado,
Crê no Deus crucificado,
Seguindo sua doutrina,
Segundo ha confessado:
Visto mais, que se presume
Ser cristã, nem o negar,
E como tem por costume,
Nossos deuses deshorrar,
Que são verdadeiro lume;
Mando por minha sentença
Que seja ao monte levada,
E logo sem mais detença
Seja n'elle degolada,

52 Afonso ÁLVARES, *Auto*, 8 e 13.

53 Afonso ÁLVARES, *Auto*, 10.

pois que nos faz tanta offensa.»⁵⁴

Poderia Afonso Álvares quedar-se por aqui e o público ficaria com a liberdade de imaginar o que se teria passado em seguida.

Ou quedar-se um pouco mais adiante, com Dióscoro a executar o castigo. Porque a verdade é que, desobrigado do *decoro* de evitar mortes em cena, e apesar de pouco dado à exibição da violência, não resiste ao presumível efeito teatral de uma cabeça decapitada. Como o espanhol, seu colega de profissão e, não raro, de escolhas dramáticas.

Ou, e assim estaria com a maioria dos que sobre Santa Bárbara escreveram, deixar-nos espantados com o raio do castigo. O inferno para os maus...

Já sabemos que o não faz. Já sabemos que se decide por um final menos duro, com brechas abertas no paganismo do Adiantado e dos que tudo tiveram a dita de presenciar.

Um final a que muito convém aquela música dos quatro cantores que, bem à maneira de um teatro que era sempre festa, garantem a apoteose do auto e a consolação dos espectadores mais atentos.

Maria Idalina Resina Rodrigues

Summary: *The aim of this article is to present some material with a view to a more elaborate analysis of Auto de Santa Bárbara by Afonso Álvares. It points out the relative importance of the playwright in the context of the Portuguese theatre after Gil Vicente. It also enhances the way the play right dramatizes a religious theme dear to the best literary and iconographic traditions. It focus particularly on problems related to the techniques and details of character construction. These characters are compared to and contrasted with others the author of this article came across in texts such as Legenda Aurea by Jacobo de Voragine and the contemporary Flos Sanctorum. Characters are analysed taking into account the way Gil Vicente has also dealt with them.*

⁵⁴ Afonso ÁLVARES, *Auto*, 13.

